

“Pouca gente se dá conta do quanto o espaço da escrita e da publicação é um espaço de poder – o poder de falar com legitimidade. A ideia é, então, incentivar e legitimar a voz e a visão de mundo das mulheres na escrita” (Luciana Lhullier)

Esse registro reflete as ideias da escritora Luciana Lhullier, autora de “A Casa de Dentro e Outras Loucuras” e responsável pela Editora Desdêmona, em Pelotas (RS). Num encontro com outras autoras, no Teatro Municipal Múcio de Castro (Passo Fundo, RS), Luciana considerou muito baixo o número de escritoras no Brasil em proporção ao número de mulheres brasileiras. Citou uma pesquisa onde 72% dos escritores brasileiros são homens. E questiona: “Seria esse um indicativo de que as mulheres não escrevem ou simplesmente não são publicadas? Ou que a literatura feminina ainda não tem um espaço completamente estabelecido para desenvolver sua voz?”¹

O coro repercute entre as vozes paraenses. Na pesquisa que realizou sobre “Escritoras paraenses em prosa e verso: os protocolos de inserção da autoria feminina no cânone escolar de Belém/PA” (2005-2007), Eunice Ferreira dos Santos elaborou a seguinte assertiva:

Vários estudos são unânimes em afirmar que os silêncios historiográficos a respeito do que escreveram as mulheres é uma marca evidente da discriminação a que foram submetidas pelo julgamento estético da sociedade patriarcal. Nesse contexto, conforme percebido na pesquisa, a produção literária de autoria feminina paraense – em que pesem a tradição e o espaço geográfico, isto é: ser escrita de mulher e do norte do Brasil – ainda carece, para ser incluída nas agendas de leituras, de uma legitimação vinculada aos padrões estéticos e temáticos dos cânones universitário e escolar.

Como é possível observar, de norte a sul, vozes de denúncias sobre essa situação abrem espaços para que sejam registrados casos de escritoras historicamente esquecidas pelos leitores e leitoras, pelas premiações, pela ausência da devida cobertura da imprensa. E os números da desigualdade avançam quando se sabe de outras contradições. Por exemplo, em 2012, o Instituto Pró-Livro divulgou uma pesquisa classificando “como leitores 43% dos entrevistados homens e 57% das mulheres. O estudo também mostrou que elas leem mais tanto por iniciativa própria quanto obras indicadas pela escola, e tendem a concluir mais livros do que os homens. Além disso, a mãe foi apontada pelos entrevistados como a segunda maior figura incentivadora de leitura, atrás do(a) professor(a) e à frente do pai.”²

Os embates entre a visibilidade da obra literária escrita pelas mulheres e as indicações para premiações dessa obras e/ou ausência de indicação teve outro impacto em estratégias para favorecer a visibilidade e o reconhecimento das mulheres escritoras. Em 2014, comprovando ser essa uma questão mundial, a escritora inglesa Joanna Walsh, 48, propôs o projeto **#readwomen2014** (**#leiamulheres2014**) com o objetivo de usar as redes sociais para ampliar o foco da leitura em mais escritoras, principalmente indicando obras pouco lidas, para aumentar a visibilidade

¹ Cf. <https://www.neipies.com/coisas-mulheres-escrevem/>

² Cf. <https://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/2014-05-24/mulheres-tem-menos-espaco-na-literatura-mas-le-em-mais-e-dominam-premios.html>

dessas mulheres e de suas obras no mercado editorial. A hashtag³ #leiamulheres está circulando mundialmente inclusive numa perspectiva interseccional haja vista que a literatura, além de focar nas relações de gênero, tem cor, é geracional e tem classe social. No Brasil, esse projeto começou em São Paulo, em março de 2015, e agora já acontece em outras 25 cidades. No Pará, a participação de Josiane Martins Melo, Pamela Raiol Rodrigues e Pamela Soares Alves, como mediadoras, organizou o grupo discutindo sobre o livro “Outros jeitos de usar a boca”, da poeta indiana (Punjab, Índia, hoje no Canadá) Rupi Kaur. O grupo paraense criou uma programação continuada e o incentivo é grande. Como diz a escritora Luisa Geisler, autora do romance “Luzes de emergência se acenderão automaticamente” (Alfaguara, 2014): *“A ideia era simples: eu conseguia citar nomes de autores mais rápido que de autoras. Conhecia mais obras escritas por homens. Não coloquei fogo em livro algum, não bani nada. Priorizei a minoria da minha estante.”*

Seguindo estratégias para o fomento do “ler mulheres” e a performática expressão: “as mulheres escrevem”, o Gepem/UFPA optou por esta política considerando organizar o Dossiê “Mulheres e Literatura” nesta Edição 13^a da Revista Gênero na Amazônia. O interesse é estimular as mulheres a escreverem seus próprios textos e, também, publicizar as obras de escritoras tanto paraenses quanto de outras regiões, promovendo-se o que chamamos de #mulhereseliteratura. Essa será a hashtag a ser lançada neste número da revista que espera promover tantas escritoras circularem por estes brasis sem serem conhecidas, com o foco principal na região Norte. E garantir a visibilidade dos temas de fora das tradições literárias, sendo hoje tratados em estudos e pesquisas na perspectiva de gênero baseados nas diversas áreas do conhecimento.

Algumas pesquisadoras com abordagem na área da literatura brasileira foram convidadas a participar deste primeiro dossiê. A comissão editorial da revista sensibilizou-se com as cinco pesquisadoras que responderam ao convite. O edital público contribuiu também para a presença de outros/as estudiosas do tema e apresentaram seus escritos para o dossiê.

DOSSIÊ MULHERES E LITERATURA

Constância Lima Duarte abre o dossiê com seu artigo instigante **Carta para Conceição**. Dirigida à Conceição Evaristo – escritora e educadora mineira, homenageada na 34^a edição do programa Ocupação Itaú Cultural, em 2017⁴ – a carta reflete sobre os conceitos de sororidade, carta-manifesto e feminismo – ao comparar as “Cartas negras” (obra de Evaristo) – com as “Cartas portuguesas” (1669), de Mariana Alcoforado, e “As novas cartas portuguesas” (1972), das “três Marias” – Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno. Evidencia os desabafos de uma mulher que luta contra a invisibilidade de mulheres na história literária do Brasil. Propõe que a sororidade é uma rede e que é um dos principais pilares dos movimentos de igualdade entre os gêneros. Nesse texto de Constância Duarte, abre-se a/ao leitor/a o interesse em conhecer Conceição Evaristo. Quem é? Desde a juventude ela escreve, mas seus textos só foram publicados em 1990, na série de antologias “Cadernos Negros”, editada pelo coletivo Quilombhoje. Suas ferramentas para denunciar o racismo e o machismo tanto na sociedade quanto na literatura brasileira são os seus seis livros lançados até 2017. Recentemente indicada para uma

³ Expressão de usuários das redes sociais, na internet. Diz Mônica Custó: “Hashtag é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema. Cf. <https://resultadosdigitais.com.br/blog/hashtag/>

⁴ Cf. <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>

cadeira na ABL – Academia Brasileira de Letras – foi preterida por um outro candidato. Recebeu apenas um voto. O que expõe a sua luta por essa literatura brasileira que ela quer reconhecida. E afirma: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

Ouvir e Ler o que as Mulheres Dizem e Escrevem: literatura com temática lésbica é o artigo de Claudete Basaglia. Nesse texto, a pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero de Araraquara (NEGAr), através de uma pesquisa qualitativa, expõe aspectos da diversidade retratada no contexto literário apontando para as dificuldades de temáticas lésbicas se tornarem visíveis, com indicativo da necessidade de democratização da produção literária para uma área pouco explorada. A autora sugere que as/os leitoras/es fiquem mais atentas/os à todas as formas de preconceito que possam ser disseminadas nas produções, circulações e conteúdo de obras literárias. E revela: “...temos que pensar na literatura como direito e com base nessa premissa apresenta-se o objetivo de se verificarem aspectos do fazer literário, de temas tratados e da leitura da literatura com temática lésbica.”

Se há dificuldades para o enfoque de temáticas lésbicas se tornarem visíveis na produção literária, o texto de Teresa Rocha Leite Háudenschild “**Explorações da Feminilidade e Episódios Homossexuais na Adolescência: Katherine Mansfield**”, aborda momentos pontuais da escritora neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923) narrando os envolvimento amorosos com outras mulheres na adolescência. Mostrando-nos como ela se apaixonou por outras do mesmo sexo e que com ela partilhava todos os seus desejos mais profundos. A narrativa explora a história de vida da escritora que dá “voz à homossexualidade adolescente através de poemas e textos de seu diário onde comunica, com clareza e expressividade, os conflitos de uma adolescente de 17 anos no confronto com suas protosensorialidades e protoemoções emergentes”. A escritora neozelandesa, embora levando-se em conta a centena de produções de seu legado, é pouco conhecida no meio literário. Foi aclamada por Virginia Woolf, Thomas Hardy e D.H. Lawrence, entre outros escritores. Seu comportamento, para a sociedade da época, era visto, entretanto, como “errático” e “rebelde”.

O estudo apresentado por **Eliane Campello** faz uma análise comparativa de obras que retratam Carlota Joaquina de Bourbon, cônjuge de D. João VI. Uma, baseada em acusações que a consideram ultrajante, pecadora e assassina, é a “lenda negra”; a outra, que a enfatiza como uma mãe devotada e uma esposa amorosa, é a “lenda dourada”. A segunda foi extraída do romance histórico “A Infanta Carlota Joaquina”, da escritora Chrysanthème. E a outra versão baseou-se na versão fílmica “Carlota Joaquina: princesa do Brasil” (1995) com roteiro e direção da cineasta Carla Camurati. Esse conflito gera o mito de Carlota. Intitulado **Representações do Mito Carlota Joaquina em Conflito: Chrysanthème versus Camurati**, o texto trabalha com recortes da literatura e o enfoque do cinema usando a metodologia de análise da crítica literária feminista contemplando a perspectiva de gênero e discursos entrecruzados.

A Escrita Literária das Mulheres Paraenses no Cânone Amazônico, texto de Eunice Ferreira dos Santos e Lilian Adriane dos Santos Ribeiro, coloca em evidência a postura hegemônica da cultura literária masculina com ênfase nas obras dos escritores paraenses. Com base em um movimento revisionista nacional que aponta a invisibilidade das escritoras e a ausência de divulgação da produção literária feminina, as autoras dedicaram-se a desvelar a outra face da situação. Em vários projetos de pesquisa trouxeram à tona alguns dados que apontam os motivos dos silêncios sobre a produção literária feminina. E afirmam: “...as escritoras paraenses, apesar de expressiva produção autoral em livros e periódicos, têm se defrontado com muitas dificulda-

des para que suas obras circulem nos espaços de formação de leitores e leitoras, sobretudo, nas instâncias universitária e escolar.” A criação da CASAIEPA – Casa da Escritora Paraense – tornou-se, então, o espaço significativo para preservar e divulgar obras intelectuais e literárias sobre escritoras paraenses.

O artigo de Carla Figueiredo Marinho e Maria Angelica Motta-Maués de título **Eneida de Moraes em “Momento Feminino”: um jornal a serviço do seu lar** trata da trajetória de Eneida de Moraes, paraense, escritora, jornalista, militante política, evidenciando percursos de Eneida no Partido Comunista Brasileiro (PCB), o ingresso para poder viver suas ideologias. Evidenciam as publicações dessa escritora feitas no jornal, “Momento Feminino”, onde apresentava os avanços conquistados pelas mulheres na luta por direitos, e pontuava a participação feminina num cenário de tensão política nacional e internacional. E a presença num jornal partidário expõe o “esforço desmedido das militantes, que acreditavam ser este um instrumento agregador e eficaz na conscientização e recrutamento de novas camaradas.”

Eneida de Moraes é foco de outro artigo: **“Lugar de mulher é...”: a literatura e a representação do espaço social da mulher**, de autoria de Elem Dayane de Freitas Oliveira e Sílvia Sueli Santos da Silva. O texto aborda o espaço social da mulher a partir da obra de Eneida de Moraes, onde se apresentam aspectos da relação mulher x literatura x sociedade. As autoras utilizaram o método de pesquisa bibliográfica com base em Santos (1997) para analisar as obras de Eneida; e argumentos sobre o imaginário social fundamentados em Maffesoli (2001). O recorte temporal dado a este trabalho é o contexto da ditadura Vargas, posto que a crônica analisada se passa nesse período.

O movimento iniciado pelas escritoras feministas de publicizar a obra literária das mulheres escritoras, dar visibilidade à história de vida de professoras que vivenciaram um passado subsumido pela contemporaneidade em aspectos comportamentais e metodológicos contribuiu, com os estudos biográficos, para evidenciar as experiências de autoras que haviam iniciado seus escritos entre o coser meias e vestidos e os diários escritos secretamente. E/ou destacar as trajetórias de vida-formação de professoras já idosas cujo predicativo esbarrava no ato de ensinar. Gerações de mulheres e homens passavam pelas salas de aula dessas mulheres, cujo local, a maioria das vezes, era nas suas casas de moradia.

“A feminização do magistério, que dava mostras incipientes já a partir dos finais do século XIX, seria fortalecida após a República. Na reconfiguração da sociedade que se desejava progressista e esclarecida, com o potencial de regeneração nacional, havia a crença numa visão de escola que domestica, cuida, ampara, ama e educa.” (ALMEIDA, Jane Soares/UNESP, 2004)⁵

Epistemologias e teorias metodológicas no rigor qualitativo da pesquisa com o dispositivo da entrevista narrativa produziram biografias marcantes e trouxeram à tona o modo de viver o ensino, a educação e as obras de escritoras supostamente de fora do cânone literário. O texto **Ester Nunes Bibas: vida e obra da educadora e escritora vigiense (1888-1972)**, de Paula Máira Alves Cordeiro, através de pesquisa bibliográfica mostra a importância desse ícone do magistério paraense e de seus escritos para o meio educacional e, principalmente, literário. A autora

⁵ ALMEIDA, Jane Soares/UNESP. Cf. www.sbhce.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf

recupera a trajetória de Ester Nunes Bibas enquanto mulher, educadora e escritora e sua luta contra a invisibilidade na literatura paraense, mesmo com o livro de poesias “Rimas do Coração” publicado em 1958.

No texto “**Novas Cartas Portuguesas: resistência e atualidade**”, Pamela Peres Cabreira propõem analisar a obra “Novas Cartas Portuguesas” escrita a três mãos por Maria I. Barreno, Maria T. Horta e Maria V. da Costa, utilizando a perspectiva da História Social. Essa obra em forma de cartas, poemas e pequenos ensaios avalia o papel da mulher na poesia e literatura da sociedade portuguesa, denunciando “parte do sistema autoritário em que estava imerso o país, deixando um rastro de significados e desafios daquele período”. Pamela Cabreira procura demarcar o fosso patriarcal em que se achava a representação da mulher na sociedade portuguesa e avalia que essa obra das três escritoras rasga a submissão em que o cânone literário se achava, enfrentando, ainda, as matrizes do modelo feminino e a condição nacional submetida à ditadura do Estado Novo português.

Francisca Andréa Ribeiro da Silva e Sylvia Maria Trusen abordam personagens femininas da obra “Cinzas do Norte”, de Milton Hatoum, no texto **Algisa e Alícia - Personagens Hattounianas: vozes narrativas e relações de alteridade na construção do feminino**. Aplicam várias perspectivas em diferentes níveis narrativos com o foco da análise utilizando a teoria de Genette (1989; 2015)⁶ e discussões sobre alteridade a partir de Beauvoir (2016) e Fanon (1968; 2008) visto que tais personagens se constituem na relação com o outro e como estes as consideram em suas culturas. E com isso, percebe-se que, mesmo sofrendo, “as personagens são construídas como mulheres autônomas em relação às suas vidas.”

Personagens femininas na literatura, na TV, no cinema, nos quadrinhos e nos games marcam o público em **Jogo de Meninas: uma experiência no Fazendo Gênero 11**. O texto de Rafaela Elaine Barbosa traz a discussão sobre o papel das personagens femininas nas diferentes mídias e a forma como marcam o público carregando os estereótipos em qualquer linguagem a qual se vinculem. Tomando as narrativas dos videogames, a autora utilizou-se da experiência de uma oficina realizada em um evento (*Fazendo Gênero 11*, 2017), procurando conhecer e entender esse processo, além de propor novas narrativas e personagens de jogos, avaliando o quanto eles se aproximam da realidade. Autoras como Angela Davis, bell hooks e outras feministas com experiências decoloniais, além das experiências dos participantes da oficina, foram utilizadas como referencial teórico na oficina e na composição deste artigo.

ARTIGOS

Os artigos deste item aportam, sob a ótica metodológica, em resultados de pesquisa de dados primários, em pesquisa histórica com preservação de registro de eventos e realizações passadas, com evidências ao processo de promoção cultural da hierarquia nas relações de gênero e que se estabelecem nos parâmetros da desigualdade. A associação transversal entre eles aponta a ideia de circulação das diferenças.

Tratando da prática da capoeira e do comportamento feminino na região norte do Brasil, Luiz Augusto Pinheiro Leal aporta no texto **Gladiadoras de Saias: mulheres capoeiras no**

⁶ Narrativa “homodiegética, em que o narrador participa das ações ou como protagonista (narrador ou autodiegético), contando sua própria história ou observando e contando a história de outros.” Cf. Silva & Trusen, 2018, nota de rodapé, nº 3.

norte do Brasil (1876 a 1912) com o foco na representação do corpo como expressão do comportamento social cujo modelo específico tendia a seguir as normas favoráveis ao reconhecimento dos significados de aceitação para a sociedade. Diz o autor: “Se o corpo feminino fosse negro ou transmitisse saberes e identidades de matriz africana, maior era a necessidade de controlar suas manifestações.” O interesse de Luiz Augusto Leal é demonstrar como ações cotidianas de mulheres negras eram carregadas de resistência ao modelo de comportamento imposto às mulheres do período.


O artigo de Amanda Gatinho Teixeira **“Entre Tecidos e Adornos: a moda das mulheres das camadas populares na Belém da Belle Époque (1870-1912)”** é um passeio histórico através da moda paraense da *Belle Époque*. A autora busca discutir a forma como as mulheres de classes populares se vestiam na época, trazendo uma moda que foi utilizada como linguagem de expressão de crenças, gostos e costumes.

A violência tem enfoques variados e se instala num âmbito onde o constrangimento físico ou moral estabelece as formas de submissão e poder sobre outrem obrigando-o à sua vontade. Nesse aspecto, **Daniel Cerdeira de Souza** e **Andrews do Nascimento Duque** dissertam utilizando uma revisão narrativa argumentativa da produção científica disponível entre 2000 a 2017, sobre o sistema de opressão e dominação masculina nas esferas sociais e íntimas que definem o machismo, e as relações assimétricas de gênero que caracterizam a violência conjugal. **A Influência do Machismo na Violência Conjugal – uma revisão de literatura entre 2000-2017** é o tema deste estudo considerando os autores que se historicamente as mulheres são tratadas de forma vil pelo homem, que despreza seus desejos e bem-estar, ocorre o enfrentamento na violência conjugal com os atores sociais necessitando de práticas educativas que ajudem na mudança cultural com a finalidade de promover a igualdade social e a política entre gêneros.

O toque metodológico favoreceu o artigo de Beatriz Figueiredo Levy e Ygor de Siqueira Mendes Mendonça ao utilizarem um estudo bibliográfico exploratório, com vertentes teóricas diversificadas, justificativas sociais e instrumentos normativos para tratarem do tema **Meninas “balseiras”: a mercantilização dos corpos femininos na Ilha do Marajó**. Os autores trataram do comércio sexual das mulheres de comunidades ribeirinhas na Ilha do Marajó. O objetivo foi demonstrar que o contexto histórico regional produziu este cenário de conflitos, reflexos da escravidão negra e indígena, estabelecendo fortes vínculos com a violência sexual e a exploração do corpo feminino.

O artigo **“Gênero no Ensino Superior: avaliação do número de concluintes na região norte do Brasil, no período de 1999 a 2015”** de Roberto Luís da Silva Carvalho, propõe um panorama de avaliação da quantidade de pessoas que concluíram (em relação ao sexo) o ensino superior em nível presencial entre 1999 e 2015, na região norte. Ao mapear a ampliação das vagas nesse âmbito, verificou que as mulheres tendem a seguir o padrão nacional, ou seja, são a maioria, embora esse fator não tenha contribuído para que houvesse mudança no padrão renda das mulheres com 15 anos ou mais de estudo.

As discussões apresentadas nesta seção de textos diversos envolvem estudos recentes de temas candentes da área das Ciências Humanas e Sociais e refletem a necessidade de permanência na exposição que se evidencia sobre os micro poderes que definem os saberes e a cultura e, em certa medida, constroem o *status quo* feminino sob a égide de uma representação social demarcatória de desempenhos que invisibilizam a valorização das mulheres enquanto participan-



tes de um sistema social democrático. Se o imaginário social usa os instrumentos de dominação hierarquizadas das relações de gênero, as mulheres criam suas próprias ações de empoderamento e avançam em busca de direitos e de cidadania.

Belém/PA (Amazônia/Brasil), 2018.

Maria Luzia Miranda Álvares
Coordenadora do GEPEM/UFPA